



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

TRABALHO & IMPRENSA:
AS CELEBRAÇÕES DO PRIMEIRO DE MAIO NA IMPRENSA AMAZONENSE (1890-1930)

Bolsista: Richard Kennedy Nascimento Candido, CNPq

MANAUS
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PIB-H/0058/2013
RELATÓRIO FINAL

TRABALHO & IMPRENSA:
AS CELEBRAÇÕES DO PRIMEIRO DE MAIO NA IMPRENSA AMAZONENSE (1890-1930)

Bolsista: Richard Kennedy Nascimento Candido, CNPq
Orientador: Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro

MANAUS
2014

Resumo

Nosso objetivo com a atual pesquisa foi mostrar como as celebrações do 1º de Maio apareceram nos periódicos da cidade de Manaus dentro de nossa temporalidade e analisar as nuances da classe trabalhadora acerca deste acontecimento, levando em conta a dualidade “festa x protesto” muito presente nas comemorações. O Primeiro de Maio é um dos fenômenos mais importantes e interessantes da História do Trabalho, pois nos mostrou o quão organizados eram os trabalhadores. Suas lutas e angústias eram externadas durante o movimento que, em seu nascimento foi pensado para ser o primeiro grande rito operário internacional. A idealização desta data ocorreu na França em 1889, no âmbito da Associação Internacional dos Trabalhadores, e no ano seguinte já fazia parte da pauta dos trabalhadores do mundo inteiro, inclusive no Amazonas. A data ganhou adesão rápida e grande por parte dos sindicatos e associações dos trabalhadores que se mobilizavam para fazer desta data o maior acontecimento da classe. Grande parte dos jornais se movimentaram para cobrir o “Grande Dia” na capital do Amazonas, que se resumiam a passeatas até o cemitério para lembrar dos que se foram, dos discursos proferidos em locais públicos, posses das novas diretorias e diversas questões pertinentes aos trabalhadores. Para a realização da pesquisa foi feito um levantamento das fontes jornalísticas digitalizadas e escritas, nesse caso, em arquivos espalhados pela cidade de Manaus. Na sequência foi elaborado um inventário dessas documentações, nos dando base ampla de tudo o que se passava no meio operário. Portanto, as comemorações do Primeiro de Maio em Manaus servem como base para uma ampliação nos estudos de História Operária e um debate mais profundo entre Trabalho & Imprensa.

Abstract

Our aim of the current research was to show how the celebrations of May 1st appeared in the journals of the city of Manaus within our temporality and analyze the nuances of working class on this event class, taking into account the duality "x party protest" very present in the celebrations. The first of May is one of the most important and interesting phenomena of labor history, it shows us how the workers were organized. Their struggles and sorrows were during the movement that at their birth was thought to be the first major international labor rite. The idealization of this date occurred in France in 1889, within the International Working Men's Association, and the following year was part of the agenda of workers around the world, including the Amazon. The date and quickly gained great support from trade unions and associations of workers who rallied to make this date the biggest event of the class. Great part of the newspapers moved to cover the "Big Day" in the capital of Amazonas, which were restricted to marches to the cemetery to remember those who are gone, the speeches in public places, possessions of new boards and several issues relevant to workers . To conduct the study was a survey of digitized and written journalistic sources, in this case, in archives throughout the city of Manaus. Following an inventory of these documentations, giving us broad base of everything that was happening in the working medium was prepared. Therefore, the celebration of May Day in Manaus serve as a basis for expansion in History Worker studies and a deeper debate between Labour & Press.

Sumário

Introdução.....	6
Objetivos	8
Revisão da Literatura.....	8
Metodologia	12
Resultados	15
Primeiro de Maio e Imprensa: as comemorações do Grande Dia na imprensa amazonense	16
Interpretações do Primeiro de Maio em Manaus.....	19
Conclusão	22
Cronograma.....	244
Referência Bibliográfica	244

Introdução

O trabalho desenvolvido trouxe como tema central a visão da imprensa amazonense sobre as celebrações do Primeiro de Maio ocorridas na cidade de Manaus durante a Primeira República. Neste período de nossa história, algumas correntes ideológicas acabaram tomando a frente desse movimento, como os reformistas, socialistas e os anarquistas. Foi possível observarmos a ação destes grupos nas comemorações deste evento - do movimento trabalhista -, o que clarificou todas as formas como cada um deles pensou a data. (PINHEIRO, 2007).

Utilizamos como fonte principal os periódicos produzidos naquele momento, pois nos levaram a identificar por meio das matérias publicadas nesses jornais, as interpretações acerca do Primeiro de Maio partindo do seio organizacional do movimento. Foram levados em conta, nesse primeiro momento, diversas particularidades do uso de fontes jornalísticas na pesquisa histórica, principalmente a contextualização e a identificação “*do lugar social de onde cada jornal fala*”.(VIEIRA, 1989).

O movimento do Primeiro de Maio teve início na França em 1890, tendo sido criado pela corrente marxista dos *guesdistas*, um grupo político bastante destacado naquele país. Por detrás dessas manifestações existe toda uma problematização e o envolvimento de diversos fatores, como descreveu Michelle Perrot, uma historiadora especialista nesse assunto.

Essa manifestação não foi criada em qualquer momento ou de qualquer maneira. Foi precedida por proposições e experiências que, sob certos aspectos, ela cristaliza; assim é o caso da rica experiência americana com a qual, nessa época, o movimento operário se declara amplamente solidário. E não só. Mas ainda, de modo mais indireto, ela se enraíza na combatividade do maio operário, mês recordista de greves, e talvez, a mais longo prazo, na tradição de primavera dos maíos aldeões. Maio carrega toda uma simbologia que é preciso saber se e como foi levada em conta, a que nível de consciência ou do inconsciente coletivo. (PERROT, 1989: 128)

Como objetivo principal da pesquisa, visamos analisar as celebrações do Primeiro de Maio no interior das lutas operárias e, como desdobramentos dessa análise, buscamos perceber e as representações que a imprensa amazonense produziu sobre o assunto, uma vez que observamos nas fontes uma significativa dualidade nas comemorações do Primeiro de Maio: festa x luta.

Partimos do princípio de que as comemorações do Primeiro de Maio demonstravam, de maneira contundente as nuances e contradições da classe trabalhadora, como podemos ver no trecho do jornal “*A Lucta Social*”, de tendência anarquista e que circulou em Manaus em 1914. Nele percebe-se o incômodo causado pelos trabalhadores que preferiam festejar a protestar por melhorias durante as celebrações na data.

Se rebuscarmos as paginas da historia, havemos de ver que todas as festas se realisam para celebrar ou comemorar um triunfo. (...) A festa do trabalho! Que irritação. Poderá o trabalhador embelezar com fregas e aromáticas flores a maquina em que se extenúa para ganhar uma ridicularia que mal chega para o pão e caldo, a oficina que o sufoca, as cadeias que lhe coártam a liberdade, o chicote que o acoita, a organização social contemporanea que pretende reduzi-lo à submissão e à impotensia...¹

A pesquisa por nós empreendida se caracterizou como uma pesquisa tanto de cunho bibliográfica, quanto arquivística e documental, com foco nos jornais produzidos em Manaus durante a Primeira República. Analisamos os jornais operários, efêmeros e de periodização inconstante, como *Guttenberg* (1891), *A Lucta Social* (1914) e o *Primeiro de Maio* (1928). Também buscamos analisar jornais diários, como o *Jornal do Comércio* (1904-1930), neste caso ressaltando apenas as datas próximas do 1º de Maio.

O uso das fontes periódicas na pesquisa histórica é repleta de particularidades e o historiador precisa ter em mente todas as ferramentas necessárias para traçar uma melhor análise, pois a imprensa assume posições, toma partido, além de intervir em questões políticas e sociais.

Os diversos processos que envolvem diretamente a luta operária em Manaus ainda estão pouco estudados, mas essa situação vem lentamente sendo modificada, com grande contribuição de pesquisadores e alunos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFAM), entretanto, são ainda insuficientes para tamanha complexidade que o tema envolve.

Buscamos contribuir com o avanço dos estudos de História com a ampliação da base documental sobre um tema relevante nesse campo de estudo em um recorte cronológico que nos pareceu adequado (A República Velha), o que nos permite perceber se ocorreram transformações perceptíveis nas celebrações do Primeiro de Maio ao longo de quatro décadas. Ademais, pelo fato da documentação hoje em dia estar mais acessível ao historiador e também por ser mais abrangente e segura, podemos cruzar as informações

¹ Jornal A Lucta Social. Manaus, 1º de Maio 1914

obtidas através dos jornais com outros registros de uma forma mais enriquecedora para a análise historiográfica.

Objetivos

O projeto tinha como objetivo principal analisar na imprensa amazonense as representações produzidas acerca das celebrações do Primeiro de Maio durante a República Velha, visando ainda ampliar os conhecimentos e debates a respeito da relação entre o movimento operário, e a sociedade amazonense, por intermédio dos registros produzidos pelos periódicos de Manaus. Como objetivos específicos destacamos:

- Identificar as dimensões organizativas do Primeiro de Maio produzidas pelos trabalhadores amazonenses no período indicado;
- Compreender as tensões e interações produzidas no interior do processo associativo da classe trabalhadora em Manaus tendo como base a forma como cada segmento desse grupo de trabalhadores pensou a causa e a luta operária, produzindo e projetando uma determinada perspectiva de celebração do Primeiro de Maio.
- Discutir a influência da imprensa operária nas organizações das celebrações dessa data.

Revisão da Literatura

A Segunda Internacional² foi a principal responsável pela criação da data alusiva às conquistas dos trabalhadores em 1889. Um dos militantes chamado Raymond Lavigne preparou uma moção que seria demasiado importante na escolha consciente da data e nos significados representativos da mesma (apud **PERROT: 1989:129**).

Será organizada uma grande manifestação internacional com data fixa, de modo que, em todos os países e em todas as cidades ao mesmo tempo, no mesmo dia marcado, os trabalhadores intimem os poderes públicos a reduzir legalmente a jornada de trabalho a oito horas e a aplicar as outras resoluções do Congresso Internacional de Paris. Considerando que uma manifestação semelhante já foi decidida para o Primeiro de Maio de 1890 pela **American Federation of Labour**, em seu Congresso de dezembro de 1888, realizado em Saint-Louis, adota-se esta data para a manifestação. (PERROT, 1989: 129/130).

² Era uma associação livre com partidos socialdemocratas e operários que partilhavam tanto de elementos revolucionários quanto de elementos reformistas.

Ao analisar este discurso, podemos perceber que os trabalhadores tomaram consciência da forma de como poderiam fazer para chamar atenção necessária para sua causa, num momento em que os processos de conscientização e organização operária vinham avançando sensivelmente em escala internacional (HOBSBAWN, 1987). Michelle Perrot nos mostra que o objetivo dos trabalhadores com a criação do Primeiro de Maio era *“dar à classe operária consciência de si mesma através da realização de gestos idênticos num amplo espaço e de impressionar a opinião pública com tal espetáculo”*.(PERROT, 1989: 130).

Os trabalhadores direcionavam muitas de suas ações e lutas contra o patronato, segmento que era mais diretamente tido como responsável pela precária situação social dos operários, consolidando assim a presença de um dos mais importantes movimentos sociais da contemporaneidade (GOHN, 1997: 171). Outro alvo para onde os trabalhadores também passaram a dirigir prioritariamente suas reivindicações foi para a instância maior da sociedade: o Estado. Passeatas, comícios e outras formas de mobilização operárias foram produzidas e ganharam destaque no cotidiano das grandes cidades, chamando a atenção da sociedade para a situação e a causa operária. Essas manifestações buscavam também pressionar o Estado a intervir em favor dos trabalhadores, em especial em algumas de suas lutas históricas, como a luta pela jornada diária de trabalho de 8 horas, dentre outras propostas para melhoria da classe operária.

A luta pelas 8 horas diárias foi o cerne que moveu as primeiras datas que marcaram as lutas dessa classe social, ainda no século XIX e início do século XX. A realidade dos trabalhadores era bem complicada e estava longe da limitação de horas trabalhistas desejadas (HOBSBAWN, 2011: 319). Com efeito, em muitos casos, a jornada chegava a ser de 17 horas por dia, não existindo condições de trabalhos adequadas a gênero ou faixa etária, assim como outros direitos fundamentais na atual configuração da legislação trabalhista: férias, descanso semanal e muito menos aposentadoria. Essa era uma situação dramática que se arrastava desde os primórdios da Revolução Industrial e que logo cedo chamou a atenção do pensamento social, que passou a denunciá-la (ENGELS, 1985). Muitos desses operários sacrificavam-se nas indústrias, mesmo doentes para não perder o emprego, apesar da exploração, era fonte que sustentava toda a família. Não havia nenhuma legislação protetiva, tendo esta surgida, muito lentamente, a partir de 1917, em clara relação com a luta operária. (CASTRO GOMES, 2002).

Contudo, no contexto de surgimento do Primeiro de Maio, é preciso salientar que o movimento operário avançava mais rapidamente na Europa Ocidental. Na França em

1906 também começaram a se intensificar as manifestações pelas 8 horas de trabalho. Anos mais tarde com a criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT) ficaria definida em 48 horas semanais a jornada de trabalho a ser encaminhada pela luta dos trabalhadores. No século XIX os trabalhadores nos Estados Unidos, Inglaterra e França já haviam travado grandes batalhas internas pela redução da jornada de trabalho que chegava a ser quase como um sonho. (GIANOTTI, 2007). Somente com o avançar do século XX é que foi sendo estabelecido esse limite da jornada de trabalho.

Ainda nessas discussões sobre a definição da data da maior manifestação operária, os franceses optaram por não escolher datas próximas da realidade deles, pois acabaria desviando o caráter universal do movimento, então acabaram recorrendo uma data lembrada pelos operários americanos e, desta forma, escolheram o Primeiro de Maio para ser a data tão esperada pela classe, pois era carregada de simbologia e havia até mártires o que ajudaria na universalização da causa. (PERROT, 1989: 130).

Em 1886 houve uma greve operária na cidade de Chicago onde os trabalhadores fizeram no Primeiro de Maio uma grande manifestação. No entanto, nos dias seguintes, os manifestantes foram bastante reprimidos pela polícia, com mortos, presos e feridos. Os presos foram a julgamento e condenados à prisão perpétua, muitos deles eram líderes do movimento, oito foram enforcados. Apesar desse movimento ter sido planejado desde 1881, naquela cidade conjuntamente por outras federações dos Estados Unidos e Canadá, ele só foi realizado 5 anos depois.

Até hoje nos Estados Unidos, as elites e o governo tentam consolidar a data do trabalho em setembro, o que funciona tanto uma forma de esquecer a violência sofrida naquele dia, quanto uma tentativa de esvaziar os conteúdos simbólicos da data (GIANOTTI, 2007). Isso fica bastante evidente nas palavras de Eduardo Galeano quando afirma que “*O Primeiro de Maio nos Estados Unidos é um dia como qualquer outro*”. A cidade de Chicago está repleta de fábricas e operários hoje em dia, mas não existe nada que se refere ao ocorrido em 1886 “*nem estátua, nem placa de bronze, nem nada*”, o que faz reforçar que os americanos preferem esquecer e o mundo faz questão de lembrar esse ocorrido (GALEANO, 2002: 63).

O Primeiro de Maio é o único dia verdadeiramente universal da humanidade inteira, o único dia no qual coincidem todas as histórias e todas as geografias, todas as línguas e as religiões e as culturas do mundo, mas nos Estados Unidos o primeiro de maio é um dia como qualquer outro. Nesse dia, as pessoas trabalham normalmente, e ninguém, ou quase

ninguém, recorda que os direitos da classe operária não brotaram do vento, ou da mão de Deus ou do amo. (GALEANO, 2002:63).

Conforme o que já foi percorrido, podemos encontrar notas sobre “*os mártires de Chicago*” nos jornais manauaras, embora com algum atraso com relação ao fato, o que demonstra como os operários procuravam meios para lembrar essa data como forma de endossar suas metas e objetivos nas lutas por melhorias. O jornal “*A Lucta Social*” de 1914 nos apresenta um pouco daquela realidade americana:

Chegado esse dia, produziu-se um formidável movimento e a policia atropela, mata e fere muitos grevistas. No dia 4, quando um pelotão de gendarmes ataca os operarios, que na praça Haymarket(Chicago) protestavam contra as violencias da autoridade estala uma bomba no meio deles, matando dez. (...) Mais de oitenta populares morreram nas mãos daquela horda de bandidos assalariados pelos dominantes. (...) Prenderam oito libertarios que pelos dotes de inteligencia e atividade, se distinguiram no colossal movimento. Condenaram tres a trabalhos forçados e cinco à morte!”³

Podemos atribuir aos diversos grupos ideológicos presentes no mundo naquele momento características fundamentais do Primeiro de Maio, como sintetiza Michelle Perrot: aos franceses anarquistas “*idéia de greve geral*”; para os americanos, a “*escolha da data e das oito horas*”; para os guesditas (mais próximos dos preceitos de Marx), “*dar ao movimento um sentido político*”. Ainda para mostrar uma nova faceta dessa data, o foco das manifestações no Estado e os desfiles operários nos mostraram cada vez mais a dimensão política da data. (PERROT, 1989: 132/133).

No Brasil essa data passou a ser realizada a partir de 1891, ou seja, um ano após sua primeira edição na França. Muito embora, os estudos sobre a história do Primeiro de Maio não seja tão difundida, contudo, podemos destacar o trabalho da historiadora Silvia Peterson que escreve sobre as origens desse mito no Brasil, nos mostrando que no ano de 1891 não houve notas em jornais que falassem de alguma comemoração realizada nessa data e que tão somente, no ano seguinte é que surgem os principais periódicos distribuídos nas grandes cidades brasileiras. (PETERSON, 1981).

Também merece relevância a dissertação de mestrado de Luciana Arêas que mapeia durante os 40 anos da Primeira República no estado do Rio de Janeiro as comemorações do 1º de Maio nos jornais. Ela também apresenta algumas interpretações acerca da data feitas pelos operários e do teor político que a data poderia vir a ter. Um ponto de importância em sua análise é a grande presença de uma consciência de classe

³ A Lucta Social, n 2. Manaus, 1 de Maio de 1914

operária que se apresenta de “*forma mais intensa e clara, e que fazia uma das ocasiões mais importantes para afirmação da classe*”. (ARÊAS, 1997: 25).

Em Manaus não temos trabalhos específicos voltados para o 1º de Maio na cidade, mas podemos encontrar escritos em artigos que remetem a esse dia. Em sua maioria a data era encarada como um conjunto de práticas das associações e sindicatos que remetiam para o Grande Dia. O historiador Cláudio Batalha vai mais além e nos mostra que faziam parte de uma cultura das associações, que englobava, inclusive, os costumes e as celebrações e que na maioria das vezes era deixada de lado nas análises de historiadores pelo Brasil. (BATALHA, 2004).

Metodologia

Já mencionamos que nossa pesquisa teve cunho tanto bibliográfico, quanto documental e arquivístico, explorando tanto a historiografia do tema, quanto análise dos jornais produzidos durante a República Velha (1889-1930) em Manaus.

Ao enfrentar o processo de pesquisa, seguimos um conjunto de etapas, que, embora intrinsecamente articuladas, foram trabalhadas de forma sequenciada. Assim, uma primeira etapa da pesquisa consistiu em identificar e localizar estudos históricos sobre o assunto, procedendo sua leitura e fichamento.

O mesmo foi feito com relação às fontes documentais, onde levantamos um conjunto de jornais do período que traziam informações sobre a data. Convém explicar que boa parte dos jornais que constituem os acervos de periódicos em nosso estado é composto de títulos efêmeros e produção fragmentária. Nem todos, portanto, prestaram-se à pesquisa. Muitos sequer haviam tirado publicações no mês de maio, quando, frequentemente, a data do trabalho é explorada.

Da imprensa diária, o jornal com uma base mais segura e completa foi o *Jornal do Comércio*, iniciado em 1904 e por nós, lido e fichado até os anos 1930. Da leitura de todos esses jornais produzimos um inventário buscando identificar as relações dos trabalhadores com as celebrações do Primeiro de Maio, o que foi necessário para mapear de maneira coerente todas as formas de manifestação desses trabalhadores.

No enfrentamento das nossas fontes prioritárias, chama a atenção o fato de que cada jornal possui particularidades que o distingue um do outro. Renné Zicman nos

apresenta alguns aspectos importantes a serem levados em conta para uma análise mais geral e completa do jornal:

- Aspectos formais e materiais do jornal: qualidade do papel, formato, número de páginas, tipografia, ilustrações, primeira página (vitrine do jornal), composição, nome e sistema de títulos.
- Aspectos históricos do jornal: origem, proprietários e diretores do jornal, proposta, corpo da redação, principais campanhas encampadas pelo jornal.
- Aspectos econômicos do jornal: financiamento, tiragem, publicidade, difusão, preço.
- Aspectos da clientela do jornal: destinatários, idade, sexo, classe social, etc. (ZICMAN, 1984: 93/94).

Convém ainda salientar que o uso de jornais na pesquisa histórica passou por diversas mudanças metodológicas até chegar ao seu estado atual, devido também a reformas conceituais de documento como destaca Capelato. (CAPELATO, 1988). Até o início do século XX a definição de fonte era bem limitada pela perspectiva positivista que graçava nos estudos históricos e dessa forma buscava objetividade, imparcialidade e neutralidade. (MALERBA, 2010). No entanto, os únicos documentos, dessa época, que possuíam características aproximadas dessas estabelecidas eram os documentos oficiais tais como os relatórios, editais e decretos de pessoas importantes. (LE GOFF, 1992: 535).

Nos anos de 1970, o significado de fonte que já vinha ampliando desde a primeira metade do século XX, com grande contribuição dos historiadores da Escola dos Annales (BURKE, 1992) se amplia ainda mais e alcança a imprensa que passa a fazer parte dos estudos históricos com mais intensidade. O uso dos jornais saiu de um status suspeito para ser um dos grandes objetos de pesquisa da História a partir deste momento e o movimento operário faz da imprensa uma dos seus alicerces para divulgar e mobilizar para a causa trabalhista:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero 'veículo de informações', transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (DE LUCA, 2005: 118/119).

Podemos observar que a imprensa não é neutra e também se vê influenciada por ideologias diversas, assumindo conteúdos e perspectivas que expressam as visões de mundo e interesses de seus idealizadores, donos e/ou editores, por isso, para que possa

proceder uma análise mais qualificada dos jornais na história é preciso identificar “o lugar social de onde cada jornal fala” (VIERA: 1995). Para podermos chegar em suas ideologias e pontos de vista e na sequência traçar uma análise mais completa desse jogo de interesses que se revela nas redações dos jornais, o historiador precisa estar preparado para todo tipo de situação quando o quesito é utilizar jornais. (BARBOSA, 2010: 11-18).

Explorando essa dupla dimensão do jornal já destacada por Renée Barata Zicman, de explorá-lo tanto como *objeto*, quanto como fonte de pesquisa histórica, Jordana Coutinho Caliri, em trabalho recente, nos mostra que “os jornais são produtos de seu tempo, fazem parte de um dia a dia que pode ser estranho aos olhos do historiador do presente”(CALIRI, 2012: 156), portanto, cabe ao historiador saber dosar e utilizar da melhor maneira esse arcabouço do presente em sua pesquisa:

As tramas engendradas, os discursos narrados, as propagandas veiculadas e as histórias contadas estão entrelaçados em um universo que ganha sentido nas vivências de uma época, sendo algumas vezes, de difícil compreensão para o historiador que se dispõe a desvendá-los. (CALIRI, 2012: 156).

No tocante as fontes históricas, a imprensa é muito rica. A reconstrução do passado por meio dela se torna mais completo e complexo. No âmbito operário, podemos observar os ideais, interesses e lutas, não só dos operários, mas de toda a sociedade, assim como suas aspirações, reivindicações e suas vidas. (TELES, 2011: 190). Numa visão mais geral, é partindo desses pressupostos que a presente pesquisa se encaixou.

Os conteúdos que são publicados nos periódicos são extremamente carregados de ideologias e significados que convém identificar e esclarecer. Estas perpassam pelos direcionamentos dos donos e dos editores dos jornais e chegam até o grande público que se espalha pelas diversas camadas da sociedade fazendo com que a população acabe se posicionando em determinados assuntos. A historiadora Tania Regina de Luca nos mostra como o historiador pode se municiar para fazer uma análise mais adequada desses conteúdos:

Pode-se admitir que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizaram a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (LUCA, 2005: 139).

Resultados

Antes de apresentar os resultados da pesquisa, caberia registrar aqui algumas atividades que tivemos a oportunidade de fazer e que foram de suma importância para o andamento da pesquisa. Dentre elas, destaco a realização de seminários no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, em especial na disciplina de “Tópicos Especiais em História”, por meio da qual mantivemos contato mais direto com a História Operária, estreitamos nossa metodologia e nos aproximamos cada vez mais de temas envolvendo “Os Mundos do Trabalho”, para usar a bela expressão sugerida por Eric Hobsbawn (1987). De igual forma a disciplina “Estudos de História Operária no Brasil”, oferecida pelo Departamento de História da universidade há alguns anos também foi válida, pois nos inserimos dentro dos debates acerca da História Operária.

A ida aos arquivos da cidade de Manaus é ainda complicada e burocrática, uma vez que a organização da maioria dos espaços é precária. Em geral, não há uma clara informação dos dias e horários de funcionamento e nem quantas horas ficará disponível para o pesquisador. Fiz visitas constantes ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA) para buscar fontes necessárias para nossa pesquisa, isto é, os jornais produzidos durante a Primeira República relativos ou alusivos a data do Primeiro de Maio com o intuito de traçar uma análise mais profunda das aspirações desses trabalhadores. Embora com alguns entraves burocráticos, consegui acessar o acervo alguns dias e realizar a busca planejada.

Nos meses iniciais de pesquisa o contato com a bibliografia sugerida pelo orientador foi relevante para os primeiros passos na escrita do relatório. O contato com historiadores que desenvolvem reflexões sobre a temática do Primeiro de Maio na França, no Brasil e inclusive em Manaus contribuíram enormemente para as principais reflexões sobre a temática. As fontes consultadas foram primaciais, pois suscitaram uma perspectiva da vida desses trabalhadores ao serem inseridas em ideologias partilhadas por cada um dos jornais trabalhados, já que notamos o surgimento de uma ideologia diferente para cada jornal, percebemos também a distinção entre os jornais operários e os jornais diários quanto sua postura para lidar com o movimento operário.

Um espaço de debate que também favoreceu a pesquisa foi a criação de um grupo de estudos sobre História Operária pelo meu orientador, o Prof. Dr. Luís Balkar Pinheiro,

com o intuito de incentivar os alunos iniciantes desses estudos e serem inseridos de forma aprofundada nas discussões relacionadas às greves, revoluções e sindicatos havidos em Manaus. Para tanto, participamos das reuniões que foram bastante produtivas para a atual pesquisa. Posteriormente, criou-se também o GT (Grupo de Trabalho) Mundos do Trabalho ligado a Associação Nacional dos Professores de História (ANPUH), com reuniões mensais para a discussão de textos, projetos e pesquisas feitas pelos membros do grupo, contribuindo de forma significativa para o amadurecimento acadêmico através da pesquisa.

Nos meses iniciais, diversos debates foram travados por estudantes de graduação, de mestrado, por pesquisadores e pelo público que se interessava por essas discussões e que sentia falta de um projeto como esse na comunidade acadêmica do Amazonas. Todas as falas nesses encontros foram úteis para meu crescimento acadêmico de maneira satisfatória.

Registro ainda que com esta presente pesquisa tive a oportunidade de participar de alguns eventos organizados pela universidade, inclusive de apresentar os primeiros resultados no Seminário Encontros com a História, promovido pelo grupo de pesquisa Gênero, Sociabilidade, Afetividade e Sexualidade, vinculado ao Laboratório de História Cultural, do Departamento de História.

A pesquisa ainda foi aceita para apresentação em outros dois eventos que ocorrerão este ano, o primeiro em agosto na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), chamado I Jornada de História do Trabalho na Amazônia, realizada pelo GT Mundos do Trabalho no Amazonas, o segundo, será em setembro na Universidade Federal de Goiás (UFG), com apresentação de um baner.

Primeiro de Maio e Imprensa: as comemorações do Grande Dia na imprensa amazonense

Nos jornais que circularam durante a Primeira República em Manaus conseguimos observar diversas formas de manifestações que remetiam ao grande dia do operariado mundial. Desde pequenas notas nos jornais, até jornais inteiros feitos para denigrir a imagem de uma pessoa, além de matérias criticando aqueles trabalhadores que preferiam festejar a manifestar pelos direitos da classe durante o Primeiro de Maio.

Esse, que por sinal, era um dos grandes debates no seio operário. Festejar ou protestar no Primeiro de Maio? Nos diversos jornais analisados percebemos essa

dualidade na qual pesava bastante contra os trabalhadores que preferiam festejar. Jornais operários mais doutrinários eram os principais a criticar esse comportamento, como por exemplo o jornal “*A Lucta Social*” que na maioria de suas notas criticava esses operários.

Logo nos primeiros anos em que essa data passou a ser realizada em Manaus e no Brasil, foi possível vermos através das falas dos editores dos jornais o que a classe operária esperava do Primeiro de Maio. O jornal *Gutenberg*, que se auto intitulava como órgão do Partido Operário, na nota chamada “*Avante, Avante!*” discorre que o Primeiro de Maio seria o início de uma grande revolução social e o prelúdio de uma consciência popular, antes esquecida pelo próprio povo⁴. Fica claro que não só os militantes que atuavam nas fábricas, mas também aqueles que estavam por detrás de veículos de comunicação, como os jornais, pensavam a data com um propósito diferente e assim como no caso dos franceses, acreditavam em uma evolução natural para uma greve geral.

O ano de 1892 também ficou marcado pelas primeiras vitórias dos trabalhadores. Na edição de maio daquele ano foi noticiado também pelo jornal *Gutenberg* a abertura de uma escola para operários. Não se tratava portanto de uma escola comum, mas sim de um centro de ensino noturno para trabalhadores que não tinham outro horário para estudar. Vale destacar que a classe nesse período era pouco letrada, o que trazia um motivo a mais para comemorar esse feito. Podemos ver na nota a seguir esse exemplo: “*Em comemoração do grandioso dia 1º de Maio que é festejado em todo o globo pelos artistas inaugurar-se-ha a Escola Noturna do Partido Operario, na casa de residencia do sr professor – Exaltação; à praça 5 de setembro n. 4*”⁵

Por consequência, a escola traria novos leitores não só para os jornais operários, mas também para panfletos das associações e sindicatos que constavam diversas informações pertinentes ao dia-a-dia operário. Inaugurar a escola no Primeiro de Maio não foi uma escolha aleatória, visto que, era uma luta que durava anos e nada melhor que usar “*o grande dia*” para externar essas emoções que estavam no cerne das questões relativas ao trabalho e a classe operária. Foi um grande presente que os operários se deram.

No 1º de maio de 1920 o jornal *Vida Operária* faz uma listagem do que de mais importante iria acontecer na cidade de Manaus durante aquele dia. É possível vermos uma passeata que iria até o Cemitério São João Batista para prestar homenagens àqueles

⁴ Gutenberg. Manaus, 1 de Julho de 1892

⁵ Idem

operários que se foram, na sequência ocorreria um “*cortejo civico*” que percorreria as principais ruas do centro da cidade e ao passo que ia ganhando as vias, alguns oradores eram escolhidos para falar sobre a situação da classe para aqueles que, ao longo do caminho, estavam ouvindo, seja na sacada de suas casas ou em frente as lojas.

Conforme noticiamos em nosso numero passado a Associação das Quatro Artes, irá hoje pelas sete horas, até necropole de S. João, prestar homenagem aos nossos irmaos que alli dormem o sonno eterno. (...)
A tarde, as 15 horas, em ponto, sahirá da séde da União Operaria Nacional, sita à rua Xavier de Mendonça, o “Grande Cortejo”, promovido pelas sociedades operarias Manauenses, em commemoração da confraternisação do mundo operario(...).⁶

Nesse momento de grandes manifestações e protestos por parte dos operários surge mais um motivo em meio a outros já existentes que enfatizavam cada vez mais essas lutas: uma crise econômica do operariado. Era um momento pela qual a classe passava bem crítica devido o não pagamento em alguns setores. Essa notícia é vinculada através do jornal *A Lucta Social* de 1º de maio de 1914 e entra como mais uma forma de legitimar os protestos ocorridos durante o *Grande Dia*. Na nota podemos ver que a própria classe dos gráficos estava sendo prejudicada pelos atrasos nos salários, o que poderia atrapalhar também a produção jornalística, principalmente no que tange os jornais oficiais⁷.

No 1º de Maio de 1914 houveram grandes acontecimentos espalhados pela cidade. O mesmo jornal nos mostra um desses eventos que contou com participação de estudantes que se avolumaram junto aos operários para mostrar para as futuras gerações o lema de Amor e Trabalho por eles pregado. Esse acontecimento foi marcante pelo grau de organização. Percebemos que a fala de operários e estudantes estava marcada para ocorrer em determinados locais. Foi um fato de grande relevância e que percorreu as ruas do centro como a Avenida Eduardo Ribeiro que era o local do grande comércio e a Rua da Instalação onde havia uma fábrica de roupas com suas operárias.

[...]terminando este os manifestantes encaminhavem-se pela avenida Eduardo Ribeiro, dando entuziasticos vivas ao operariado livre, aos estudantes, e abaixo os tiranos sintetizados nos governos e estes caráterizados no Estado salva-guarda da burguesia infrene⁸.

Como podemos observar nesse trecho do jornal, é perceptível que palavras de ordem eram proferidas em algumas manifestações. Porém, o jornal nos mostra ainda, o

⁶ Vida Operaria. Manaus, 1º de Maio de 1920.

⁷ Jornal A Lucta Social. Manaus, 1º de Maio de 1914

⁸ Jornal A Lucta Social. Manaus, 1º de Julho de 1914

seu perfil ideológico, demonstrando um transparente ideário anarquista, que ia de maneira contundente contra os interesses do Estado. chamando este de tirano.

Interpretações do Primeiro de Maio em Manaus

No mundo todo o Primeiro de Maio ganhou diversas significações no que concerne as formas de se expressar na data e em Manaus não seria diferente. Podemos observar uma dualidade entre os operários não muito particular do nosso estado, a questão “dia de festa” e “dia de luta” ganha mais força quando os jornais de cunho operário começam a tecer comentários difamando aqueles trabalhadores que preferiam festejar ou descansar ao invés de protestar por melhores condições de trabalho para a classe. Devemos destacar que nem todos os trabalhadores tinham consciência de que faziam parte de uma forma de organização bastante complexa e ampla, o que pode justificar esta atitude em alguns operários.

O jornal *A Lucta Social* de Maio de 1914 nos mostra o desgosto do uso do Primeiro de Maio como um dia para se festejar. Por se tratar de um jornal anarquista, eles desaprovavam a mudança do significado original da data, segundo eles, saindo de um dia de protesto para um dia de festa. Na nota que segue é possível ver a irritação do redator ao se dirigir para aqueles trabalhadores que partilham dessa visão que era julgada por eles como desabonadora.

Se rebuscarmos as paginas da historia, havemos de ver que todas as festa se realisam para celebrar ou comemorar um triunfo.

Mas o trabalho, esse, ainda não triunfou. Continua sob o peso da maldade biblica. Os governantes e os sacerdotes, os nobres e os militares, os funcionarios e os privilegiados, os capitalistas e os fincanceiros não só participam dele, como o fazem pezar, qual fardo maldito, sobre a carcassa dos assalariados...

A festa do trabalho! Que irritação. Poderá o trabalhador embelezar com freças e aromáticas flores a maquina em que se extenúa para ganhar uma ridicularia que mal chega para o pão e caldo, a oficina que o sufoca, as cadeias que lhe coártam a liberdade, o chicote que o acoita, a organização social contemporanea que pretende reduzi-lo à submissão e à impotensia?...⁹

O outro lado dessa moeda é referente as comemorações ou confraternizações que os diversos segmentos operários criavam como forma de descontração por um ano de trabalho árduo. Era algo que a grande maioria da classe abominava. Comportamento muito comum no âmbito das associações e sindicatos operários. Na nota a seguir do jornal intitulado *Primeiro de Maio*, podemos observar o que pensa a Sociedade dos Barbeiros no que se refere a esse debate, quando usa a palavra ‘confraternização’ que destoa do

⁹ Jornal A Lucta Social. Manaus, 1º de Maio de 1914

discurso de luta operária: “Aproveitando a data de 1º de maio, que marca a confraternização dos operários, enviamos-lhes o nosso abraço de companheiro”¹⁰.

Neste mesmo jornal encontramos uma nota em que criticava essa visão de festas. O título era “*O Sacrifício!*” e falava de forma clara a respeito desse posicionamento. O redator inicia falando que “*não é Festa do Trabalho, como erradamente se pensa*” o que nos mostra que essa visão foi construída através do tempo, levando em conta que esse jornal é de 1928, e que precisa ser desconstruída pelos próprios trabalhadores, o que poderia ser um tanto complicado a partir de 1930 quando se inicia o governo de Getúlio Vargas como nos mostra a historiadora Luciana Arêas.

O ano de 1930 marca também o início de uma nova fase na história do Primeiro de Maio, pois ao longo do governo Vargas ele foi sendo totalmente incorporado ao conjunto de comemorações oficiais do regime, ao mesmo tempo em que as manifestações promovidas pelo movimento operário foram duramente reprimidas. (ARÊAS, 1998: 19).

No mesmo diapasão este mesmo jornal intitula o que chamou de “*Bloco 1º de Maio*”, que por esse nome depreende-se o sentido de festa que o editor queria passar para seus leitores. Observa-se no convite feito à todos os proletários de Manaus um diferencial em relação a outros ‘festejos’, como a música. Nessa festa, em especial, podemos verificar que a música transformaria o Dia do Trabalho como sendo algo ‘sério’ em algo ‘banal’.

“CONVITE – O comitê pró 1º de Maio tem a satisfação de convidar todas as Sociedades proletárias de Manaus, bem como todos os trabalhadores d’esta capital, sem distinção de classe, para tomarem parte nos festejos externos de 1º de Maio que constará de romaria ao Cemiterio e passeata pelas principais ruas da capital, acompanhados por bandas de musica e salva de foguetões.”¹¹”

Ainda sobre esse assunto, temos um artigo intitulado “*O Dia do Trabalho*”¹² que mostra as esperanças e aspirações da classe trabalhadora. O trabalho é mostrado em diversas perspectivas, muitas das vezes duras para os trabalhadores, mas sempre deixando o trabalho como fator principal na transformação da sociedade. Nas linhas a seguir vemos uma definição contundente de trabalho, trazida de maneira diferente por parte de Rita Alves proferida na Escola de Aprendizes Artífices no 1º de Maio de 1920, mas que só ganhou publicação no jornal *Vida Operaria* em 9 de Maio do mesmo ano ganhando com isto, continuação na edição seguinte.

Para que haja progresso numa nação, para que adquia logar saleinte entre as demais, a primeira condição é que seus cidadãos sejam amigos do trabalho.

¹⁰ Jornal Primeiro de Maio. Manaus, 1º de Maio de 1928

¹¹ Jornal Primeiro de Maio. Manaus, 1º de Maio de 1928

¹² Jornal Vida Operaria. Manaus, 9 de Maio de 1920

A nação será o que seus filhos por seus actos, por seus trabalhos determinem; e o character do cidadão será o character da nação de que faz parte.¹³

Outra forma que os trabalhadores interpretavam o Primeiro de Maio na cidade de Manaus era lembrando daqueles operários que morreram em Chicago em 1886 quando tentavam mudar a realidade em que viviam. Observamos esse tipo de comemoração em diversos jornais o que nos mostra que essa era uma das formas mais usadas para utilizar o Primeiro de Maio em Manaus.

O 1º de Maio data duma greve formidabilissima e dum crime horrivel já consagrado,- permita-se-nos o termo – pelo proletariado universal. E em todos os paizes ao chegar esse dia, o protesto grandioso aterrava a burguezia traioeira, até que em 1889 (tres anos depois), num congresso socialista realisado em Paris, se resolveu que o 1º de Maio constituisse a festa dos trabalhadores, não sabemos se para tirar o terrôr aos capitalistas, se para fazer opposição ao protesto revolucionario que aumentava de ano para ano. Naturalmente deviam ser ambas as coisas.

De então para cá, enquanto os socialistas libertarios e todos os que amam a verdade, dedicavam e dedicam essa data de luto e de revolta a recordar os esforços energeticos dos que caíram na luta magnanima em prol da total emancipação dos trabalhadores, não como edoltras mas sim para demonstrar aos burguezes e aos governantes, que não são cúmplices de seus crimes, os socialistas parlamentares organisaram e organisam ainda, festas campestres e toda a classe de diversões com fungágás e morteiros, como se fosse possivel, que oprimidos e explorados possam ter um dia indicado para fazer festença vivendo como vivem, num regime social onde tudo convida à revolta, onde se leva uma vida miseravel e desgraçada, cheia de fome, de miseria, de deshumanidade e de selvageria.¹⁴

Os operários ainda transformaram esse dia em dia de luto, para lembrar também daqueles colegas locais que se foram ajudando a mudar a sociedade que eles partilhavam. Na matéria do jornal *A Lucta Social* chamada de “O 1º de Maio” o editor nos mostra a forma como aconteceu aquele incidente nos Estados Unidos, focando no que aqueles operários viveram durante aqueles dias até chegar na idealização do Primeiro de Maio na França.

Há um embate que chamamos de “luta” ou “luto”, onde alguns trabalhadores se limitavam a lembrar dos que morreram e faziam da data uma espécie de ‘dia dos finados’ operário. Os mártires de Chicago eram os que mais estavam nas lembranças dos operários, pois eram tidos como os primeiros a enfrentar a força patronal e também a morrer pela causa.

Ainda se fez ouvir d’uma das janelas da Frabrica de Roupas o camarada Tercio Miranda dissertando sobre o dia 1º de maio, o qual era consagrado – disse o orador – como o dia de finados do operariado, sintetizando os crimes ediondos cometidos pelas autoridades de

¹³ Jornal Vida Operaria. Manaus, 9 de Maio de 1920

¹⁴ A Lucta Social, n 2. Manaus, 1º de Maio de 1914

Chicago nas pessoas de oito libertarios, e secundados pelos governos de todos os paizes.¹⁵

Outra interpretação que podemos usar para o caso de Manaus é o que o historiador Luciano Everton Teles chama atenção em um de seus artigos, quando ele afirma que a data também era marcada pela cerimonia de posse das novas diretorias de diversos sindicatos e associações. (TELES, 2011: 211). Isso soava mais como uma forma de legitimidade para as novas gestões do que uma escolha aleatória por esse dia, visto que, a data carregava um grande peso ideológico no seio operário e era válido usar esse dia para essa finalidade.

No dia 18 do corrente mez, realizaram-se as eleições dos corpos dirigentes dos Foguistas, dando o seguinte resultado: - Presidente, Alfredo Moreira Lima, (reeleito); vice-dito, Adelino Gonçalves Areais; 1º secretario, Ivo Alves de Almeida Filho; 2º dito, Amancio Rebello Nery; 1º thessoureiro, Annanias Alves de Oliveira, (reeleito); 2º dito, José Maria dos Santos, (reeleito); orador, Francisco Magalhães, - Conselho Fiscal, - Estevam Francisco Oliveira, Bernardino Crispim de Oliveira, Antonio Telles de Menezes, Alvaro José da Costa, Elpidio Dias, Theodoro José da Silva, João Francisco Pereira de Mattos, (reeleito), Alcebiades Antonio de Castro, Fausto Torres Cavalcante, Manoel Feliciano Motta, Francisco Linhares e Raymundo Marques Peroba. À posse realizar-se-à no dia 1º de Maio as 20 ½ horas.¹⁶

No trecho acima, extraído do jornal *Vida Operária*, possibilita confirmar o caráter legitimador que a posse no 1º de Maio trazia em seu bojo, para sindicatos e associações operárias, um grande vínculo com essa data. Nesta mesma fonte jornalística é possível observar, que não só os foguistas, mas outras associações precediam da mesma forma, como no Sindicato dos Estivadores e a União Operária, ambas com finalidades idênticas.

Conclusão

A História Operária, traz no seu contexto, um campo vasto de estudos através de fontes que vem sendo revigorado, em especial absorvendo o fato de que a documentação hoje em dia é de mais fácil acesso aos pesquisadores que se iniciam na trilha das pesquisas em História Regional. Tais estudos cada vez mais ganham espaço no âmbito dos grandes centros de pesquisas das universidades brasileiras. Um fato que corrobora na investida dos estudos, foi a importante criação dos Programas de Pós-Graduação em História. Tal iniciativa, abriu um leque de possibilidades em temas específicos, presenteando assim o enriquecimento dos diálogos com variadas formas de conhecimento espalhadas pelo restante do país.

¹⁵ Jornal A Lúta Social. Manaus, junho de 1914

¹⁶ Vida Operaria. Manaus, 1º de Maio de 1920.

Silvia Peterson ao propor uma pesquisa interregional como modelo para o grande desenvolvimento da história dos trabalhadores, também nos aponta que grande parte dessas pesquisas mantém seu ineditismo, o que em alguns casos acaba dificultando o propósito de sua ideia inicial. (PETERSON, 1995: 146).

Os estudos a respeito do 1º de Maio, tem se mostrado colaborativos na direção de favorecer um amplo entendimento e compreensão da História Social do Trabalho no Brasil, jogando luz a interações e tensões presentes no seio da classe operária brasileira.

As aspirações e as contradições dos trabalhadores também são perceptíveis nesses eventos do Dia do Trabalho, que de forma clara e direta preenchem as lacunas de outros momentos tão importantes quanto o Primeiro de Maio.

No embate entre “festa”, “luta” e “luto” observamos com bastante perspicácia os anseios dos trabalhadores pela busca de uma aurora operária, como bem destaca Edgar Rodrigues no título de seu livro intitulado de Aurora Operária.

Devemos destacar também, que a atual pesquisa precisou fazer algumas adequações no que concerne os objetivos traçados inicialmente. Nossa ideia era problematizar as fontes utilizando os jornais “operários” e os “diários”, mas devido o grande volume na documentação isso não foi possível, neste primeiro instante.

Da chamada “grande imprensa”, conseguimos acessar dados numa dimensão bem maior do que a que esperávamos, avançando mais sobre os acervos cujo acesso tem sido facilitado, como é o caso do *Jornal do Commercio*, mas outros periódicos importantes exigem um mergulho mais intenso nos arquivos – quase sempre desorganizados – de Manaus. Menos que desleixo, a empreitada mostrou-se, de fato, mais trabalhosa que o previsto inicialmente. Como o projeto foi renovado, é nossa intenção aprofundar mais essas distinções.

Cronograma

Nº	Descrição	Ago 2013	Set	Out	No v	De z	Jan 2014	Fev	Ma r	Abr	Mai	Ju n	Jul
01	Leitura da Bibliografia Seleccionada												
02	Pesquisa Arquivística												
03	Apresentação Oral do Projeto												
04	Elaboração e crítica dos dados												
05	Elaboração do Relatório Semestral												
06	Redação dos capítulos												
07	Elaboração do Resumo e Relatório Final												
08	Preparação da Apresentação Final para o Congresso												

Referência Bibliográfica

ARÊAS, Luciana Barbosa. As Comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930). *História Social*, IFHC/UNICAMP, n. 4/5, 1997/1998, p. 9-28.

ARÊAS, Luciana Barbosa. *A Redenção dos Operários: o Primeiro de Maio no Rio de Janeiro durante a República Velha*. Campinas, SP. 1996.

BARBOSA, Marivalda. *História Cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “A Historiografia da Classe Operária no Brasil: trajetórias e tendências”. In: FREITAS, Marco Cezar de (Org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 145-158.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes, SILVA, Fernando Teixeira da e FORTES, Alexandre (Org). *Cultura de Classes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BURKE, Peter (Org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

- CALIRI, Jordana Coutinho. Sobre os Jornais na História: uma leitura. Revista Fronteiras do Tempo. N°3, 2002, p. 155-169.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Imprensa e História no Brasil. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
- ENGELS, Frederich. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global, 1985.
- FREIRE, José Ribamar Bessa (Org). Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950). Catálogo de Jornais. Manaus, Editora Calderaro. 1990.
- GALEANO, Eduardo. O Livro dos Abraços. 9° ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GIANOTTI, Vitto. História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil. Mauad, 2007.
- GOHN, Maria da Glória. Teoria dos Movimentos Sociais. São Paulo: Loyola, 1997.
- GOMES, Angela de Castro. Cidadania e Direitos do Trabalho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Vito. História da Indústria e do Trabalho no Brasil: das origens aos anos 20. 2° ed. São Paulo: Ática, 1991.
- HOBBSBAWN, Eric. Os Trabalhadores: estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- HOBBSBAWN, Eric. Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- MALERBA, Jurandir (Org). Lições de História: o caminho da ciência o longo século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- MATTOS, Marcelo Badaró. Escravizados e Livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.
- PERROT, Michele. “O Primeiro de Maio na França (1890): o nascimento de um rito operário”. IN: Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros. 2° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 127-164.
- PETERSON, Silvia Regina Ferraz. Cruzando Fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. Anos 90. Porto Alegre, n°3, jun. 1995.
- PETERSON, Silvia Regina Ferraz. Origens do 1° de Maio no Brasil. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS – MEC, 1981.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Na Contramão da História: mundos do trabalho na cidade da borracha. Canoa do Tempo, v. 1, n° 1, 2007, p. 11-32.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto e PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte (Org). Imprensa Operária no Amazonas. Vol. 1. Transcrições e fac-similares. Manaus: EDUA, 2004.

RODRIGUES, Edgar. Aurora Operária: os congressos operários no Brasil. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.

TELES, Luciano Evertor Costa. Imprensa e Mundos do Trabalho: a singularidade da imprensa operária no Amazonas (1890-1920). Revista Mundos do Trabalho, v.3, n°5, p. 186-212, 20112.

THOMPSON, Edward Palmer. A Formação da Classe Operária Inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

VIEIRA, Maria do Pillar et al. A Pesquisa em História. 3° ed. São Paulo: Ática, 1995.

ZICMAN, Reneé Barata. História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. Projeto História, n° 4. São Paulo, Educ, 1985, p. 89-102.